

Tradução do conto de Peter Handke
“Das Umfallen der Kegel von einer bäuerlichen Kegelbahn”¹

Andreia Colaço
andreiasfcolaco@gmail.com

Eliana Pereira
pereiraeliana@hotmail.com

Fernanda Pinto
fernanbea@gmail.com

(Alunas da U.C. de Tradução Literária Alemão-Português do Mestrado em Tradução
e Interpretação Especializadas do ISCAP)

Dalila Lopes
dalop@iscap.ipp.pt

(Docente da U.C. de Tradução Literária Alemão-Português do Mestrado em
Tradução e Interpretação Especializadas do ISCAP)

Nota Prévia

O conto aqui traduzido é um exemplo acabado de desconstrucionismo, sobretudo conseguido através da menorização do papel do narrador, constantemente desautorizado pelas personagens, que o interrompem e o contradizem. Assim, alguns segmentos aparentemente incongruentes não o são de facto. Na tarefa de tradução deste conto, mantivemos as características de desconstrução do texto de partida, pelo que quaisquer aparentes incoerências são inerentes ao texto original e não erros de tradução.

¹ In Vormweg, Heinrich (ed.) (1983), *Erzählungen seit 1960 aus der Bundesrepublik Deutschland aus Österreich und der Schweiz*, Stuttgart: Reclam, pp. 142-153.

O Tombar dos Pinos num Jogo de Bilros Rústico²

Dois austríacos, um estudante e o seu irmão mais novo, um carpinteiro, que estavam há pouco tempo em Berlim Ocidental, apanharam, num dia bastante frio de Inverno, em meados de Dezembro, depois de almoço, o metro na estação do Jardim Zoológico, na direcção Friederichstrasse, para visitar familiares em Berlim Oriental.

Chegados a Berlim Oriental, pediram informações a soldados do Exército do Povo, que passavam junto à saída do metro, sobre a possibilidade de comprar flores. Um dos soldados deu a informação e, em vez de se voltar e indicar o caminho com a mão, olhou fixamente para os recém-chegados. No entanto, os dois irmãos, depois de terem atravessado a rua, logo encontraram a florista; era logo visível à saída da estação, de modo que a informação pedida aos soldados se revelou desnecessária. Perante a escolha entre flores de vaso e flores de corte, os dois decidiram-se, após longa hesitação – a florista estava entretanto a atender outros clientes -, por flores de corte, apesar de haver grande variedade de flores de vaso, enquanto só havia dois tipos de flores de corte: crisântemos brancos e amarelos. O estudante, que era o mais bem-falante dos dois, pediu à florista para lhe escolher e embrulhar dez crisântemos brancos e dez amarelos, que ainda estavam em botão. O carpinteiro levou o grande ramo de flores, e ambos atravessaram a rua com mais cuidado do que da primeira vez e foram pela passagem subterrânea para o outro lado da estação onde havia uma praça de táxis. Embora várias pessoas estivessem à espera de táxi e o telefone da cabine tocasse ininterruptamente sem que nenhum dos taxistas o atendesse, não demorou muito até que os dois, os únicos sem bagagem, arranjassem um táxi. Sentaram-se os dois no banco de trás, onde estava bastante calor, e o estudante indicou uma morada na

² Optou-se por encontrar um equivalente português para o jogo popular alemão “Kegeln”. Este jogo é anterior ao *bowling* mas parecido. É jogado ao ar livre, a pista é estreita, e joga-se com nove pinos e uma bola mais pequena do que a do *bowling* e sem buracos para os dedos. Há *Kegelbahnen* e *Kegelclubs* em todas as cidades e vilas e em muitas aldeias. Em Portugal existe um jogo popular parecido que também se joga com nove pinos (ou bilros) e uma bola, que nos pareceu o melhor equivalente em termos culturais: o Jogo de Bilros. Este está, no entanto, muito menos disseminado em Portugal do que o “Kegeln” na Alemanha.

parte norte de Berlim Oriental. O taxista desligou o rádio. Só após algum tempo de viagem é que ocorreu ao estudante que no táxi não havia rádio nenhum.

Olhou para o lado e viu que, estranhamente, o irmão agarrava o ramo de flores nos seus braços com todo o cuidado. Falaram pouco. O taxista não perguntou de onde é que eles vinham. O estudante arrependeu-se de ter vestido um casaco tão leve, sem forro e sem o botão de baixo.

Quando o táxi parou, o dia, lá fora, estava mais claro. O estudante, que já se tinha habituado a estar dentro do táxi, tinha dificuldade em se a aperceber dos objectos lá fora. Só a custo reparou que de um lado da rua apenas existiam hortas e barracos pequenos, enquanto as casas do outro lado, aos olhos do estudante, pareciam muito distantes da rua, ou então, se estavam perto da rua pareciam igualmente pequenas; além disso, os arbustos e as pequenas árvores estavam bastante despidas de folhagem, mais uma razão para que de repente tudo cá fora parecesse mais claro. O taxista, a pedido deles, passou uma factura. Como demorou bastante a encontrar o livro de facturas, os dois irmãos puderam observar as janelas da casa para onde queriam ir. Na rua, onde não passava nenhum carro, o táxi, principalmente quando parou, deve ter dado nas vistas; será que a tia ainda não recebera o telegrama que eles tinham mandado telefonicamente de Berlim Ocidental na véspera? Não se via ninguém à janela; nenhuma porta se abriu.

O estudante saiu do táxi, enquanto dobrava a factura; depois saiu o irmão, desajeitadamente, segurando as flores nos seus braços. Ficaram cá fora, junto à cerca de uma horta, até o táxi dar a volta. O estudante deu por si a afastar os cabelos da testa com a mão. Atravessaram o pátio até chegarem à entrada onde estava o número para o qual o estudante enviara as cartas, dantes, quando ainda escrevia à tia. Estavam indecisos sobre qual dos dois deveria tocar à campainha; finalmente, enquanto conversavam baixinho, já um deles tinha carregado no botão. Não se ouviu o barulho da campainha. Recuaram e afastaram-se um pouco da entrada. O carpinteiro tirou um alfinete do ramo de flores e deixou-o embrulhado no papel. O estudante lembrou-se que a tia lhe costumava mandar em todas as cartas muitos selos especiais da RDA, quando ele ainda os colecionava. De

repente, ainda antes de se ouvir o zumbido do trinco eléctrico, a porta abriu-se com um clique; só quando a porta já estava aberta é que ouviram o zumbido, que continuou, mesmo depois de já terem entrado há muito tempo. Ainda cá em baixo, fizeram um sorriso forçado. O carpinteiro desembrolhou o ramo e meteu o papel no bolso do casaco. Lá em cima abriu-se uma porta, pelo menos deve ter sido isso; Pois quando eles tinham subido ao ponto de conseguirem olhar para cima já a tia estava à porta a olhar para eles cá em baixo. Pelo comportamento da senhora, quando a viram, aperceberam-se que o telegrama provavelmente ainda não tinha chegado. A tia, depois de ter chamado o estudante pelo nome – Gregor –, entrou imediatamente em casa; voltou logo a seguir e abraçou os visitantes, mesmo antes de eles terem chegado ao patamar das escadas. O seu comportamento era tal que o Gregor esqueceu todas as reservas e ficou parado a olhar para ela; por mero susto ou seja lá pelo que fosse, ela encolheu-se.

Voltou a entrar em casa, abriu portas, até mesmo a porta de uma mesinha de cabeceira, fechou uma janela, apareceu à porta da cozinha e disse que ia fazer café. Só quando estavam todos na sala de estar, é que ela reparou no segundo visitante, que já lhe tinha dado as flores à entrada e que agora estava na sala em pé e um pouco embaraçado. À explicação do estudante de que se tratava do outro sobrinho, que ela, a tia, tinha visto há alguns anos quando tinha estado de férias na Áustria, a senhora reagiu indo em silêncio para outra sala e deixando os dois, em pé, algum tempo na pequena e aconchegada salinha de estar.

Quando ela voltou, já estava um pouco mais escuro lá fora. Abraçou os dois sobrinhos e explicou que tinha ficado espantada, quando, lá fora, nas escadas, ao cumprimentarem-se, o Hans – assim se chamava o carpinteiro – lhe ter dado um beijo na boca. Convidou-os a sentarem-se, e pôs umas poltronas à volta da mesa de café, enquanto olhava à sua volta à procura de uma jarra para as flores. Por sorte, disse ela, hoje mesmo fui às compras de bolos. (Ela diz “fui às compras” em vez de “comprei”, estranhou o estudante). Que flores tão caras! Tinha acabado de se deitar para dormir a sesta quando ouviu tocar à campainha. “Ali em cima” – o estudante olhou pela janela enquanto ela falava – “fica um lar de idosos.” Será que eles iam

passar a noite em casa dela? O Hans respondeu que já tinham almoçado em Berlim Ocidental e afirmou, depois de contar o que tinham comido, que estavam completamente satisfeitos. Enquanto dizia isto, pousou a mão sobre a mesa, de modo que a senhora viu que lhe faltava o dedo mínimo, que tinha sido cortado por uma motosserra num momento de desatenção. Ela não o deixou acabar de falar e chamou-lhe a atenção para que estivesse mais atento quando trabalhava porque já uma vez se tinha cortado no joelho. O estudante, que já tinha tirado casaco à entrada, sentiu mais frio, quando, ao olhar em volta, viu atrás de si a cama onde a senhora tinha estado a dormir. Ela reparou que ele encolhia os ombros como era costume e pôs um radiador eléctrico atrás dele em cima da cama, enquanto explicava que ela própria, quando tinha frio, pura e simplesmente se deitava. A chaleira na cozinha já tinha começado há algum tempo começado a assobiar sem que o som entretanto se tornasse mais forte; ou será que eles não tinham ouvido o início do som da chaleira? Em todo o caso, os braços e o estofó das poltronas continuavam frios. Porquê “em todo o caso”? Perguntou a si próprio o estudante, algum tempo depois, segurando com as duas mãos a chávena de café ainda cheia. A senhora percebeu a sua expressão e pôs-lhe leite no café, com um movimento rápido. Ela deu um passo em direcção à televisão - ainda com a caneca do leite na mão - porque interpretou a frase seguinte do estudante referindo-se ao aparelho de televisão no quarto como um convite para a ligar. O estudante olhou para a chávena e reparou em grandes pedaços de nata na superfície do café. Ele notou que o irmão também estava a olhar para a mesma coisa: sim, deve ter sido isso. A partir de agora ele iria evitar dizer o que via ou ouvia, por medo de que as suas palavras pudessem ser “mal interpretadas” pela tia. A televisão tinha começado a fazer um barulho, mas ainda antes de a imagem ficar nítida e o som claro, já a senhora a tinha desligado, e, constantemente olhando ora para um ora para outro dos sobrinhos, tinha-se sentado junto deles. Podiam começar! Meio divertido, meio confuso, o estudante deu por si a pensar nesta frase.

Em vez de trincar um bocado de bolo e depois, ainda com um pedaço de bolo na boca, tomar um gole de café, primeiro encheu a boca de café e, em vez de

o engolir, tentou segurá-lo entre os dentes, de modo que o líquido, assim que abriu a boca para trincar o bolo, caiu novamente na chávena. O estudante tinha fechado ligeiramente os olhos, talvez isso tivesse levado a esta confusão; mas, quando abriu os olhos, viu que a tia olhava para o Hans que naquele momento, com um gesto lento, agarrava um pedacinho de chocolate com a mão e, cerimoniosamente, sob o olhar da tia, o colocava rapidamente na boca. “Não posso crer!”, gritou o estudante; ou antes, foi a senhora que o disse, enquanto apontava para o livro que estava em cima da mesinha de cabeceira - a descrição da vida de um cirurgião famoso, tal como o estudante imediatamente explicou; uma imagem de santo servia de marcador de página. Não havia motivo para preocupação.

Quanto mais falavam - já tinham iniciado uma conversa há algum tempo, como se não estivessem à mesa ou lá o que é - mais se tornava o ambiente óbvio para ambos (agora quase já não trocavam olhares como quando tinham entrado). A palavra ‘óbvio’ aparecia também cada vez mais frequentemente nas suas conversas. Durante muito tempo, as palavras da tia tinham sido para o estudante muito pouco credíveis; mas agora, à medida que o quarto aquecia, ele conseguia imaginar escrito aquilo que a tia dizia, e assim, escrito, parecia-lhe credível. Apesar de tudo, estava tanto frio no quarto que do café, que entretanto já tinha arrefecido, saía algum vapor. As contradições, pensou o estudante, eram constantes. Lá fora não passava nenhum carro. Também a maior parte das frases da tia começavam com a expressão ‘lá fora’. Isso aconteceu tantas vezes, que o estudante a interrompeu, e, no entanto, quando ela parou de falar, ele pediu desculpa por a ter interrompido sem ter nada para dizer. Agora ninguém queria ser o primeiro a falar; o resultado foi uma pausa, que o carpinteiro de repente quebrou, falando do seu alistamento em breve no exército austríaco; como o Hans falava um dialecto estranho, a tia percebeu “venham os aviões de guerra da Hungria”³ e deu um grito; o estudante acalmou-a dizendo várias vezes a expressão ‘lá fora’. Reparou que de agora em

³ No original “Stukas von Ungarn her”; ‘Stuka’ é a abreviatura de ‘Sturzkampfflugzeug’, avião de guerra dos Alemães na 2ª Guerra Mundial (N.T.).

diante, sempre que ele dizia uma frase, a tia repetia-a imediatamente, como se já não confiasse no que ouvia.

Como se isso não bastasse, ela acenava logo às primeiras palavras das frases do estudante, de modo que ele a pouco e pouco voltou a ficar inseguro e a parar no meio das frases. O resultado foi um sorriso simpático da tia, e depois um ‘obrigada’, como se ele a tivesse acabado de ajudar na solução das palavras cruzadas. De facto, o estudante logo de seguida viu no parapeito da janela uma página do jornal de Berlim Oriental “BZ am Abend” com um jogo de palavras cruzadas quase incompleto. Curioso, pediu à tia para ver as palavras cruzadas – ele usou a expressão ‘dar uma vista de olhos’ - contudo, quando reparou que as perguntas eram um pouco diferentes do habitual, com excepção de uma em que se pedia um nome de um “Estado agressivo no Próximo Oriente”, passou o jornal ao irmão, que, apesar de já de manhã ter resolvido as palavras cruzadas na revista da Alemanha Ocidental “Stern”, se pôs imediatamente também a resolver estas palavras cruzadas. Mas não foi o facto de o Hans ir procurar um lápis que fez confusão ao estudante, mas sim o parapeito da janela agora insuportavelmente vazio; e, irritado, pediu ao irmão para pôr o jornal novamente “no sítio”; a formulação ‘no sítio’ pareceu-lhe contudo, mesmo antes de a dizer, tão ridícula que acabou por não dizer nada, mas levantou-se e dirigiu-se à porta com a desculpa de que ia apanhar ar. Na verdade, corrigiu ele, foi a tia que saiu, e ele foi atrás dela, alegadamente para dar uma vista de olhos às outras divisões. Mas na realidade... O estudante lembrou-se que, há pouco, quando a televisão estava ligada, o locutor tinha utilizado a palavra ‘alegadamente’; na realidade o estudante não chegou a dizer esta palavra.

Sempre a mesma coisa. “Sempre a mesma coisa” disse a tia abrindo-lhe a porta da cozinha, “também aqui dentro está frio”, disse o estudante, “também *lá* dentro”, corrigiu a tia. “Então o que é que fazem *aqui* fora?” perguntou o Hans, que os seguiu no corredor com o jornal das palavras cruzadas na mão. “Vamos outra vez lá para dentro!” disse o estudante. “Porquê?” perguntou o Hans.” Porque eu *mando*”, respondeu o estudante. Ninguém tinha dito nada.

Na sala de estar, onde todos se tinham reunido outra vez, porque lá, como a tia disse, ainda havia algum café, ouvia-se o som do bater das panelas na cozinha, como o longínquo tombar dos pinos num Jogo de Bilros numa floresta densa e algo inóspita. O estudante, que reparou nesta comparação, perguntou à tia como é que ela, que tinha vivido toda a sua vida na cidade, tinha chegado a esta comparação; ao mesmo tempo que disse isso, lembrou-se da mesma expressão numa carta do poeta Hugo von Hofmannstahl, obviamente sem que essa comparação lá - um convite para fazer parte de uma academia de poesia⁴ - tivesse qualquer semelhança com a comparação aqui: o som do bater das panelas na cozinha. Como o estudante inclinou a cabeça para o lado para escutar, não se pode excluir que a tia, que tentava interpretar todo e qualquer comportamento dos dois visitantes, tenha ido para outro quarto, com uma mão cheia de migalhas, com o pretexto de que queria ir à varanda dar bolo aos pássaros, para de lá, conforme gritou à laia de desculpa, chegar à varanda. Então, o estudante reparou que portanto o som do bater das panelas era apenas uma comparação para os pássaros que, ao saltitarem sobre o tabuleiro de bolo vazio que a tia tinha colocado cuidadosamente sobre a varanda, picavam em vão com o bico à procura de comida. De algum modo alheados, ambos observavam a tia que se movimentava lá fora na varanda como se fosse óbvio; alheados porque não se conseguiam lembrar de alguma vez terem visto a senhora lá fora, enquanto eles próprios, os espectadores, estavam sentados dentro; um espectáculo estranho. O estudante assustou-se quando o Hans, já impaciente, lhe perguntou mais uma vez um sinónimo para pátio; “varanda” respondeu a tia em lugar do estudante, ao mesmo tempo que procurava uma determinada fotografia num dos seus álbuns; “varandim” adiantou o estudante ainda a tempo, não dando oportunidade a que a senhora falasse. Respirou fundo até se sentir aliviado. Mais uma vez tinha corrido bem! Um guardanapo de papel tinha limpo de imediato o café derramado.

⁴ Hugo von Hofmannsthal recusou este convite, invocando que os poemas que escrevia lhe soavam tão mal como “das Umfallen der Kegel von einer bäuerlichen Kegelbahn” (o tombar dos pinos num Jogo de Bilros rústico), exactamente o título deste conto.

Apesar de não o terem dito, eles tinham pensado todo o tempo no telegrama que ainda não tinha chegado. Mas agora tinha-se constatado que a tia, embora fosse já o fim da tarde, ainda não tinha ido à caixa do correio. Mandaram o Hans lá baixo com a chave. Que esquisito que ele parecia com a chave na mão! Pensou o estudante. Como? Perguntou a tia confusa. Mas o Hans voltou logo para a sala de estar com a chave na mão exactamente como a tinha levado. “Um trabalhador numa sala de estar”! Disse o estudante em tom de piada. Ninguém o contradisse. Mau sinal! Pensou o estudante. Em jeito de troça, o gato de que ele até agora não se tinha apercebido, roçou-se-lhe nas suas pernas. A tia estava naquele momento à procura de um nome, de que se tinha esquecido; tratava-se do nome de uma velha senhora, que... - a velha senhora devia em todo o caso ter um título nobiliárquico; felizmente na Áustria os títulos nobiliárquicos tinham sido abolidos.

Entretanto lá fora tinha escurecido. O estudante tinha lido de manhã no jornal ‘Frankfurter Allgemeine’ um poema japonês sobre o crepúsculo: “O apitar estridente de um comboio tornou o crepúsculo circundante ainda mais profundo”. O apitar estridente de um comboio tornou o crepúsculo circundante ainda mais profundo. Nesta parte da cidade obviamente não passava nenhum comboio. A tia tentava vários nomes enquanto o Hans e o Gregor continuavam a olhar para ela. Por fim colocou o telefone em cima da mesa à sua frente e, ainda com a mão no auscultador, mas sem o levantar, soletrou o alfabeto, com a testa franzida, à procura do nome da velha senhora. Quando a tia já estava a falar ao telefone, o estudante reparou que ela, com um gesto de cabeça, apontava para uma fotografia que o mostrava a ele, ainda criança, com uma bola de borracha, “sentado ao lado dos pais num ateliê de fotografia”.

“A correr, parado, A MAMAR...” – como sempre, quando via estas fotos ou IMAGENS, só ocorriam ao estudante estas formas verbais; aqui também: “SENTADO ao lado dos pais num ateliê de fotografia”.

A tia, que tratava por “Você” a pessoa com quem estava a falar ao telefone – isso teve um efeito calmante sobre todos eles -, depois de estar algum tempo calada, de repente disse a palavra “Tu”. O estudante ficou tão assustado com isso

que de imediato começou a transpirar; enquanto se coçava - o suor escorria-lhe profusamente -, convenceu-se de que estava a acontecer a mesma coisa com o irmão: também este se coçava furiosamente debaixo dos braços.

Isto não voltou a suceder, porque, na sequência do telefonema, o irmão da tia e a sua esposa vieram de uma outra parte de Berlim Oriental e, logo a seguir, sem tocarem à campainha da porta da rua, bateram à porta de cima, como é normal com as pessoas conhecidas, para verem uma vez mais os dois sobrinhos da Áustria. A tia já tinha trazido duas poltronas para os recém-chegados e tinha feito chá na cozinha para todos. As panelas tinham feito barulho, o tio, que sofria de asma, tinha batido com força no peito, a sua mulher puxou conversa sobre Berlim Ocidental e foi da opinião de que os do lado de lá deviam ser todos pendurados pelos cabelos. Vindo do quarto de banho, onde tinha ido lavar as mãos, o estudante sentiu-as tão secas que teve que pedir à tia um creme. A tia mais uma vez interpretou isto de tal maneira mal, que vaporizou o estudante e o irmão com perfume “Tosca”, oferecido na última visita da velha senhora, cujo nome ela não se lembrava. Finalmente era tempo de eles partirem, porque o visto para Berlim Oriental terminava à meia-noite. O tio tinha telefonado para uma cabine telefónica de táxis, mas evidentemente ninguém atendeu. Contudo, o passado próximo em que tudo isto tinha acontecido começou a acalmar lentamente o estudante. Os dois visitantes dirigiram-se com a tia para a entrada, já com os casacos vestidos, deixando para trás o tio, que ainda tentava telefonar, e a mulher dele, que estava na sala de estar; já com as mãos na porta, ainda esperaram mais um pouco a ver se vinha um táxi, nem que fosse de outra praça. Já tinham descido as escadas, com a tia no meio, quando

nada de “quando”.

Com a tia pendurada neles, foram para a paragem do eléctrico a bater os dentes de frio. Como eles não tinham trocos, a tia deu-lhes moedas para o eléctrico. Quando o eléctrico chegou, entraram rapidamente, ao mesmo tempo que diziam adeus à tia, de modo a chegarem a tempo à estação de Friedrichstrasse.

Só tarde de mais é que o estudante reparou que eles nem sequer tinham apanhado o transporte.